

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR
CAMPONESA E EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**JUVENTUDE E VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR:
UM ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO
APOLÔNIO DE CARVALHO/ELDORADO DO SUL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Gustavo Heldt Silveira

Santa Maria, RS, Brasil.

2011

**JUVENTUDE E VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR: UM
ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO APOLÔNIO DE
CARVALHO/ELDORADO DO SUL**

Gustavo Heldt Silveira

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como
requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista

Orientador(a): Prof. Dr. Clayton Hillig

Santa Maria, RS, Brasil.

2011

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Curso de Especialização em Agricultura Familiar
Camponesa e Educação do Campo**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**JUVENTUDE E VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR: UM
ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO APOLÔNIO
DE CARVALHO/ELDORADO DO SUL**

elaborado por
Gustavo Heldt Silveira

como requisito parcial para obtenção do grau de
**Especialista em Agricultura Familiar
Camponesa e Educação do Campo**

Comissão examinadora:

Clayton Hillig, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Carmen R. Flores Wizniewsky, Dr^a. (UFSM)

Janisse Viero, Ms. (UFSM)

Santa Maria, Agosto de 2011.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pelas bênçãos alcançadas.

Aos meus pais Amaro e Erica e minha Tia/Mãe, pelo amor incondicional e incentivo em todas as fases da minha vida, sem eles nada seria possível, meu amor eterno.

Aos meus irmãos, Letícia, Heloísa e Diego, eternos companheiros e amigos.

Ao meu orientador pelo exemplo de profissionalismo e pelos conhecimentos partilhados ao longo desta jornada.

O meu coorientador professor Clayton, pela ajuda e atenção durante a pesquisa..

Aos amigos (as), presentes nas fases boas e ruins desta jornada, pelos momentos de alegria.

Ao Assentamento Apolônio de Carvalho / Eldorado do Sul / RS, pelo total apoio dado durante a realização da pesquisa no município.

Aos assentados, pela confiança e compartilhamento de suas experiências e percepções do mundo, das quais esta pesquisa não seria possível.

Ao CNPq, pelo auxílio financeiro ao longo desta jornada.

A todos que, de alguma forma, tornaram possível a concretização deste trabalho, pela contribuição em minha formação.

A você que lê este trabalho.

RESUMO

Monografia de Conclusão de Curso
Curso de Especialização em Agricultura Familiar
Camponesa e Educação do Campo
Projeto Residência Agrária
Convênio PRONERA/INCRA
Universidade Federal de Santa Maria

JUVENTUDE E VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO APOLÔNIO DE CARVALHO/ELDORADO DO SUL

Autor: Gustavo Heldt Silveira
Orientador: Dr. Clayton Hillig
Santa Maria, Agosto de 2011.

O Estágio Supervisionado em Agricultura Familiar Camponesa e Educação Agrícola foram desenvolvidos no curso de Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação Agrícola, curso de especialização do Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural – DEAER do Centro de Ciências Rurais – CCR da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, localizada na cidade de Santa Maria/RS. O período de realização do estágio tempo comunidade foi de março de 2010 até abril de 2011, sob orientação do Prof. Dr. Clayton Hillig, professor do DEAER da Universidade Federal de Santa Maria, perfazendo uma carga horária de 520 horas. Durante este período foram realizadas e acompanhadas diversas atividades e ações de Extensão Rural no período de tempo comunidade no Assentamento Apolônio de Carvalho, localizado na cidade de Eldorado do Sul/ RS. As atividades eram relacionadas às visitas técnicas para entrevistas com os jovens das famílias assentadas, com a colaboração da cooperativa assistencialista da região e coordenadores do assentamento. No presente relatório, serão apresentadas as atividades e ações realizadas durante o estágio no âmbito desta pesquisa no assentamento, bem como atividades extras sobre as quais se faz uma discussão acerca de sua relação com os conteúdos vistos durante o tempo escola do Curso Residência Agrária, bem como com a bibliografia atual referente a Violência e juventude.

Palavras Chave: Violência, Juventude, Assentamento

ABSTRACT

Conclusão de Curso
Curso de Especialização em Agricultura Familiar
Camponesa e Educação do Campo
Projeto Residência Agrária
Convênio PRONERA/INCRA
Universidade Federal de Santa Maria

YOUTH AND VIOLENCE IN THE SCHOOL: A CASE STUDY IN LAYING APOLÔNIO DE CARVALHO/ELDORADO DO SUL

Author: Gustavo Heldt Silveira

Adviser: Dr. Clayton Hillig

Date and place of defense: Santa Maria, August, 2011.

Supervised Internship in The Peasant Family and Agricultural Education were developed in the course of specialization in Peasant Family Farming and Agricultural Education, a specialization course at the Department of Agricultural Education and Extension – DEAER Center of Rural Sciences – CCR, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, located in Santa Maria/RS. The period of the community stage time was in March 2010 until April 2011, under the guidance of Professor. Dr. Clayton Hillig, DEAER professor at the Universidade Federal de Santa Maria, making a workload of 520 hours. During this period were carried out and followed up several activities and actions of Rural Extencion in time settlement community in Apolônio de Carvalho, located in the city of Eldorado do Sul / RS. The activities were related to technical visits for interviews with the youth of settlers, with the collaboration of the cooperative welfare of the region and coordinators of the settlement. In this report, we present the activities and actions during the stage of this research under the settlement, as well as extra activities on which is a discussion about its relationship with the contents seen during school time Course Home Land, and as with the current literature regarding violence and youth.

Keywords: Violence, Youth, Settlement

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.2 Importância e justificativa	8
2 CONTEXTUALIZANDO A VIOLÊNCIA	10
2.1 As práticas de violência pelos jovens.....	15
3 METODOLOGIA APLICADA PARA AS VISITAS TÉCNICAS E COLETA DE DADOS	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
BIBLIOGRAFIA	29
ANEXO	31

1 INTRODUÇÃO

1.2 Importância e justificativa

O presente trabalho aborda o tema da violência sofrida pelos jovens do assentamento dentro das instituições de ensino e em seu meio familiar, trazendo problemas da não adaptação ao meio em que vivem. Entende-se que este assunto é de difícil percepção, pois muitas vezes sua influência são a causa de ações cometidas no cotidiano das pessoas que não conseguem administrar este poder exercido sobre elas.

Nesse sentido, passava-se despercebido nas escolas dos países que possuem uma renda per capita baixa, pois outros problemas eram colocados em primeiro plano, fazendo com que assuntos relacionados à educação dos adolescentes fossem supridos como uma forma de educação peculiar aos tempos modernos. Entretanto, com a globalização, o crescimento econômico (sociedade industrial) e populacional, o acesso as informações em tempo real (internet, redes sociais, meios de comunicação) tem tornado o contato mais direto. Porém, este maior contato pode ser visto como uma invasão de privacidade.

A violência traz consigo os traumas causados por familiares, colegas e situações diversas. Esta forma de violência independe da sociedade onde ocorre, etnia, religião, entre outros fatores.

A discriminação para com adolescentes rurais é acentuada, pois além de lutarem contra o estereotipo que os desvalorizam, precisam abrir caminhos para adquirir seu espaço. Isto traz a questão do quão longe ou perto se identifica a igualdade, ou melhor, em um contexto social, sobressaindo-se perante os colegas, estes considerados os “interessantes” do grupo. Também se ressalta a questão das relações familiares que passam a ser da mesma forma impregnadas de violência.

A atuação de políticas públicas governamentais e de metodologias educacionais é de importância ímpar, para que os objetivos em torno do combate a este tipo de violência girem em torno da busca de alternativas e promoção para um convívio futuro a estes jovens.

Para que estes processos ocorram definitivamente e para que os mesmos provoquem mudanças significativas aos jovens assentados e suas famílias, eles devem ser frutos de um projeto muito bem fundamentado. Além disso, eles devem permitir que os atores principais estejam inseridos de forma participativa do início ao fim das ações. Pois, estes projetos não são de fácil execução, pois demandam tempo e um trabalho que exige cuidados e dedicação no sentido da pesquisa de alternativas que sejam adequadas ao meio em questão.

2 CONTEXTUALIZANDO A VIOLÊNCIA

Ao contextualizar a temática sobre violência deve-se ter cuidado com o conceito e percepção que esta temática traz. Pois a mesma não terá o mesmo significado para os indivíduos e até mesmo para as diversas sociedades existentes.

Neste contexto cabe delimitar aqui o que este estudo entende como violência. Ao procurar os diversos significados partiu-se do princípio que os indivíduos segundo a Constituição Federal do Brasil, em seu artigo quinto, todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Portanto, toda a ação contrária a isto pode ser considerado como violência ao indivíduo, por não garantir os direitos básicos.

Para Nogueira (2003) ao analisar o fenômeno da violência enfrentamos uma série de dificuldades, não apenas porque o fenômeno é complexo, mas, principalmente, porque nos faz refletir sobre nós mesmos, sobre nossos pensamentos, sobre nossos sentimentos e atos.

O conceito de violência segundo Michaud (1989) tem sua origem etimológica da palavra “violência” que remonta ao termo latino “violentia” (força, caráter bravo ou violento) e ao verbo “violare” (transgredir, profanar, tratar com violência).

Segundo Odalia (1993, p.86) a violência pode ser percebida como a privação, isto é, retirar, destruir ou despojar alguém de alguma coisa. Em outras palavras o autor entende que a violência despoja alguém de alguma coisa, ou seja, da vida, dos direitos e da cidadania.

A violência então pode ser compreendida como o ato de negação da nossa cidadania e do direito mais elementar que a pessoa possui que seria à vida, bem como a qualidade desta.

Segundo Bonetti (1997), o conceito de cidadania é associado à idéia do ser cidadão. Cidadão é aquele que tem participação na sociedade, participação na produção, o acesso igualitário no atendimento aos serviços básicos, como é o caso da educação, da saúde, da segurança etc. Cidadão é aquele que, mesmo diferente do ponto de vista cultural, físico, religiosos ou de habilidades profissionais, tem

participação na produção e em todos os serviços básicos já relacionados. A noção de cidadania nasce com o advento da sociedade democrática na modernidade.

Já segundo Moraes (1995), fala da violência como sendo de seres humanos. Contudo, alguns autores ensinaram-nos que no mais íntimo dos impulsos humanos está a violência como um constitutivo primordial. De outra parte, biólogos e etólogos, como por exemplo os animais que se não fossem dotados de um mínimo de agressividade não sobreviveriam em nosso mundo. Isto não deve levar-nos a uma indistinção entre conceitos: a agressividade é algo resultante da memória biológica, de instintos propriamente animais. Já o conceito de violência implica intencionalidade, o que exige inteligência; razão pela qual os irracionais não são violentos, mas ferozes.

A agressividade tende a um processo comportamental, no qual alguém ou grupo de indivíduos saem prejudicados, a partir de um ato praticado por outro alguém ou por outro grupo de indivíduos (JUSKA, 1995).

Dentro deste conceito podemos analisar a agressividade como uma forma de manifestar o instinto primitivo de nós seres humanos, onde por determinados atos, colocamos a prova nossa sobriedade. Esta manifestação pode ter diferentes meios revelados, de uma simples aflição causada a outro indivíduo em prol de si mesmo, como um simples anseio de demonstrar suas vontades, e percepções. Fazendo com que os indivíduos protejam-se contra sofrimentos causados pela agressividade.

Winnicott (1998) diz que a agressividade é a demonstração de que “algo não vai bem”. Esta é uma forma de manifestação verbal ou física manifestada à problemas que terão de ser enfrentados, e que muitas vezes as ações desta agressividade trazem reações adversas.

Portanto, o que se passa especificamente na chamada educação sistemática: a das escolas? Salvo exceções, estas têm sido as grandes desafortunadas, pois, nos países ricos de tradição cultural e com excelente nível de vida social, encontramos as escolas ruminando modelos e autoritarismo à século XIX ainda, além do que fazendo um endeusamento da erudição em detrimento da sabedoria com a qual a educação digna sempre se preocupa. Enquanto nos países que arrostam dificuldades econômicas e financeiras somadas à sua pouca tradição cultural, governos mal – intencionados, arrivistas e algumas vezes corruptos, jamais põem a questão educacional como prioridade.

No Brasil, temos uma história de mais de 500 anos na qual em nenhum momento a educação foi situada como prioridade; afinal, é uma longa história de submissões na qual a classe dirigente do país nunca foi mais do que gerente de interesses dos exploradores estrangeiros, nunca foi mais do que um reduzido número de economicamente privilegiados dotados de um espetaculoso menosprezo pelo contingente produtivo e pobre da nação.

Sendo assim, Moraes (1986) têm a convicção que educar é intervir em vidas, assim como ensinar o é. Intervenção em vidas humanas é alguma coisa que se faz pelo convite e não pela invasão. Como em outra obra escrita por ele, afirma que uma coisa é convidar o educando a viver e esgotar os conflitos naturais da vida, outra muito diversa é o mestre passar-lhe visões do mundo que vêm de dentro dos seus conflitos pessoais (do mestre), pois é neste ponto que se dá o engendramento de desencontros interiores insensatamente transmitidos aos alunos. Ficando bem claro que intervir em vidas é algo que se faz sob princípio do autoritarismo. Autoridade é um princípio de equilíbrio e não será exagerado dizermos que é um princípio de amor, como várias vezes o concebeu Santo Tomás de Aquino. O que, de fato, caracteriza autoridade é a relação de solidariedade, bem como a inexistência de uma relação de denominação.

Já o autoritarismo traduz-se em desequilíbrio; desequilíbrio que deriva da insegurança do educador ou de seus eventuais traços sádicos de personalidade. Autoritarismo é o que poderíamos chamar de princípio de competição. Na verdade, o autoritarismo é o tapume atrás do qual alguma incompetência se esconde. Ele usa a diferenciação natural do mundo para hipertrofiá-lo não reconhecendo as coisas transformáveis, mas sim as parasitando, e fazendo-o deforma o educando (MORAIS, 1986).

Portanto, o educador intervém em vidas numa relação de autoridade, pois, numa relação de autoritarismo ele fatalmente invade vidas, sufocando neste o que nelas pode haver de sinceridade e espaço interior criativo. Afinal, o professor é habilitado, admitido pela escola, autorizado pelos pais e responsáveis para intervir em vidas; de tal modo que não cabe ao mestre negar-se a fazer o que precisa fazer.

Segundo Foucault (1987) ressalta que saber e poder são expressões que se implicam mutuamente e não podem ser entendidas de forma oposta e separada. Dessa forma, não existiria relação de poder sem um campo de saber, tampouco não

existe saber que não esteja ancorado numa relação de poder. Neste sentido ainda pode-se aferir:

Quais são as relações de poder mais imediatas que estão em jogo? Como tornam possíveis essas espécies de discursos e, inversamente, como esses discursos lhes servem de suporte? De que maneira o jogo dessas relações de poder vem a ser modificado por seu próprio exercício – reforço de certos termos, enfraquecimento de outros, efeitos de resistência, contra-investimentos, de tal modo que não houve um tipo de sujeição estável dado uma vez por todas? (FOUCAULT, 1998, P. 108)

Segundo Bourdieu (1999) pergunta se nos depararmos com um novo paradoxo, capaz de obrigar a uma completa revolução na maneira de abordar o que já se tentou estudar sob forma de “a história das mulheres”: será que as invariáveis que se mantêm, acima de todas as mudanças visíveis da condição feminina, e que são ainda observadas nas relações de dominação entre os sexos, não obrigam a tomar como objeto privilegiado os mecanismos e as instituições históricas que, no decurso da história, não cessaram de arrancar dessa mesma história tais invariáveis?

Ainda de acordo com o autor temos a questão do poder e dominação ainda intrínseca na nossa sociedade, visto que as invariáveis deveriam ter sido absorvida na questão de igualdade entre homens e mulheres.

No livro *L'età dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza*, de Melucci e Fabbrini (1992, p. 25) podemos encontrar a idéia *de que a fase da adolescência é o primeiro momento da juventude*, assim:

[...] não pode ser vista somente como fase de transição entre a infância e a vida adulta, como meta última da maturidade, mas como um período do ciclo vital no qual há processos específicos de transformação que investem as dimensões mentais e corpóreas, as relações com os outros e com o mundo. Através dessas mudanças se tornam visíveis uma organização da vida afetiva, modelos de pensamento, formas de relações, que vêm em primeiro plano, renegando temporariamente ao fundo outras partes da experiência.

O problema da violência nos remete a todo instante a diferentes formas em que se é sofrida, e acontecerá em algum momento de nossas vidas, tendo como inclusão a questão do fator econômico ou até mesmo em nossas labutas diárias de submissão. Esta decorrência é marcada pelos estilos de vida alcançada, a uma educação de má qualidade, ao um tipo de locomoção utilizada, a uma forma de

morar ou e até mesmo por uma falta de perceptividade de vida capitalista futura. Assim saindo padrões culturais ditados por ascensão profissional e cultural, faz com que o insucesso se sobre saia as nossas qualidades.

A nossa violência social, cultural e econômica é a grande responsável pelo insucesso de leis, normas e processos educacionais, pois traz consigo uma forma decadente de ajuda, onde se deveria ser analisada outros fatores de educação de base, onde coagiriam e reduziriam taxas de criminalidade violenta sofridas. Sendo assim, faríamos aparecer e produziríamos um efeito à forma de crescimento da violência, transpondo idéias, métodos e organizações contra algum tipo de constrangimento físico e moral sobre os excluídos.

A lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências a proteção integral à criança e ao adolescente, onde considera o indivíduo até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade. Dentro desta lei a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Para Colombier et al. (1998), A violência que as crianças e os adolescentes exercem, é antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles, ou seja, a criança reflete na escola as frustrações do seu dia-a-dia. Em seu estudo o autor aponta diversos tipos de violência que podem ser praticados no interior da escola. Que podem ser:

a) Violência contra o patrimônio, esta é a violência praticada contra a parte física da escola;

b) Violência doméstica, a violência praticada por familiares ou pessoas ligadas diretamente ao convívio diário do adolescente;

c) Violência simbólica¹, é a violência que a escola exerce sobre o aluno quando o anula da capacidade de pensar e o torna um ser capaz somente de reproduzir;

¹ "A violência simbólica é a mais difícil de ser percebida... porque é exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferece

d) Violência física, entendida como brigas, bater, matar, suicidar, estuprar, roubar, assaltar, tiroteio, espancar, pancadaria, e, também participar das atividades das gangues.

2.1 As práticas de violência pelos jovens

A exclusão social gera disparidade entre as classes sociais e os indivíduos, levando-os a cometerem ações violentas diretas e indiretas com alguns determinados grupos que lhes afetam. Pois os mesmos desejos e vontades não atendidos tornam estes jovens amargurados com as situações desiguais em que vivem.

A influência de grupos torna-se uma válvula de escape para as frustrações destes jovens, além de encontrar nestes grupos a aceitação e coleguismo que estes jovens não possuem na sociedade, tornando-se um grande atrativo. O companheirismo, respeito e humildade poderiam ser práticas de um convívio social familiar, de trabalho, de lazer ou escolar que resgatariam os valores por estes jovens.

Neste sentido, podemos apontar como um dos motivos pelo qual os jovens aderem às gangues é a busca de respostas para suas necessidades humanas básicas, como o sentimento de pertencimento, uma maior identidade, auto-estima e proteção, e a gangue parece ser uma solução para os seus problemas em curto prazo (ABRAMOVAY et al., 1999).

A indisciplina é o procedimento ou ato ou dito contrário à disciplina. Tendo a disciplina como regime de ordem imposta ou mesmo consentida. Ordem que convém ao bom funcionamento duma organização. Relações de subordinação do aluno ao mestre. Submissão a um regulamento (FERREIRA, 1985).

oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer; quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos; ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonando os estudantes à sua própria sorte, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento". (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p.335) a violência simbólica também pode ser contra o professor quando este é agredido em seu trabalho pela indiferença e desinteresse do aluno. ABRAMOVAY; RUA (2002).

O termo em inglês “bullying” que pode ser traduzido como intimidação, têm sido utilizado para designar a prática de atos agressivos entre estudantes. Assim, diz respeito às ações agressivas, intencionais e repetidas praticadas por um ou mais pessoas contra outra. Os personagens como o agressor (autor de bullying), atuam de forma prepotente e tenta dominar a vontade do outro, sendo sarcásticos, geralmente, fisicamente mais bem dotados. Já a vítima (alvo de bullying) geralmente é apática, tímida, ansiosa, fisicamente mais fragilizada (TOGNETTA, 2005).

A incivilidade seria a falta de educação perante o outro cidadão diante de suas ações . É claro que violência é prova de incivilidade. Mas a recíproca não é verdadeira. Na incivilidade o emprego da força não está necessariamente presente. Não cumprimentar alguém não implica coagi-lo (TOGNETTA, L 2005).

Segundo FREITAS (2001) falando de assédio moral, no nosso dia-a-dia, não ousamos falar de perversidade; no entanto as agressões reanimam um processo inconsciente de destruição psicológica constituído de procedimentos hostis, evidentes ou escondido, de um ou vários indivíduos sobre o outro, na forma de palavras insignificantes, alusões, sugestões e não ditos, que efetivamente podem desestabilizar alguém ou mesmo destruí-lo, sem que os que o cercam intervenham. O agressor pode engrandecer-se rebaixando o outro, sem culpa e sem sofrimento; trata-se da perversão moral.

3 METODOLOGIA APLICADA PARA AS VISITAS TÉCNICAS E COLETA DE DADOS

A presente pesquisa realizou-se com os jovens dentro do assentamento, localizado na região metropolitana de Porto Alegre no município de Eldorado do Sul no Estado do Rio Grande do Sul, no Assentamento Apolônio de Carvalho. Constituído por 72 famílias assentadas em área desapropriada e destinada a reforma agrária a partir de 22 de agosto de 2006.

Para esta pesquisa realizou-se o pluralismo de técnicas e métodos utilizando-se da conjugação de métodos quantitativos e qualitativos para analisar a questão da violência da juventude dentro do assentamento e escolas freqüentadas por estes. O que vai de acordo com Gil (2010), onde afirma que a utilização conjugada de técnicas e métodos permite um maior aprofundamento da pesquisa e maior confiança do resultado mediante a triangulação dos procedimentos.

Neste sentido foi utilizado consultas a documentos na área tais como tese; dissertações e artigos, assim, tendo aprofundado sobre o tema violência e juventude realizou-se um conjunto de 40 entrevistas semi-estruturadas utilizando o método Kidscape². Que teve objetivo captar informações sobre os diversos tipos de violência a fim de analisar os dados segundo as categorias de análise utilizadas pelo método.

Este questionário semi-estruturado era composto por questões que buscavam obter informações acerca de aspectos relevantes sobre a violência doméstica e escolar acometida aos jovens do assentamento. Assim, abordou assuntos como intimidação, agressão e assédio, constituintes do questionário aplicado.

A digitalização dos dados coletados sobre o trabalho realizado com os jovens do assentamento foi com o auxílio de uma planilha onde os dados são organizados e armazenados, essa planilha possui versão digital e uma impressa para eventuais consultas.

A digitalização é realizada através dos questionários utilizados juntamente com o programa Excel, através das quais obtemos um diagnóstico aproximado da realidade sobre a violência sofrida pelos jovens assentados. Desta forma, para uma

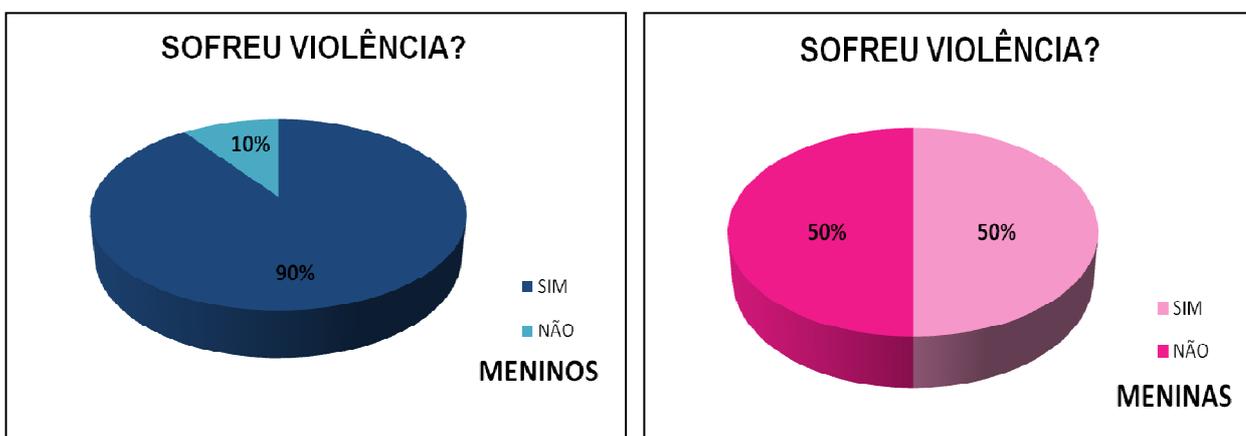
² Kidscape. Organização não governamental inglesa, criada pelo psicólogo infantil Michele Elliot para detectar e acabar com o Bullying entre os adolescentes.

melhor compreensão dos resultados e suas análises optamos por dividir as respostas pela questão de gênero, facilitando a percepção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base aos dados coletados, podemos constatar que os jovens assentados do sexo feminino sofrem a violência simbólica, já os jovens do sexo masculino, tendem a prática da violência física.

A questão da violência dentro do assentamento demonstrado pelo gráfico 1, aborda a porcentagem de violência sofrida, ou não, entre jovens do sexo masculino e feminino.



A

B

Gráfico 1 – Porcentagem da violência sofrida pelos jovens masculinos e femininos do assentamento Apolônio de Carvalho, Eldorado do Sul/RS.

Sendo assim, com os resultados encontrados podemos constatar que 90% dos jovens do sexo masculino sofrem algum tipo de violência e 10% dizem que não. Já no B, nota-se que 50 % dos jovens do sexo feminino sofrem violência e 50% não sofrem violência.

Desta forma a violência entre os jovens do sexo masculino está intrínseca à maneira de agir e pensar. Visto que estes por seus métodos de manifestar a violência física, aparecem perante os mais fracos de forma mais evidente, fazendo com que a aproximação destes sejam exclusivamente para não sofrerem violência

física ou verbal, ou seja, acabam se aproximando pela positividade do agressor x agredido.

Enquanto que as meninas, que nesta fase, encontram-se separadamente dos meninos acabam verbalizando muito mais e automaticamente identificando quem são as líderes dos grupos e expressam seu desprezo por algum indivíduo através de apelidos e chacotas.

Com relação à idade dos entrevistados que sofreram algum tipo de violência, as respostas podem ser visualizadas no gráfico 2:

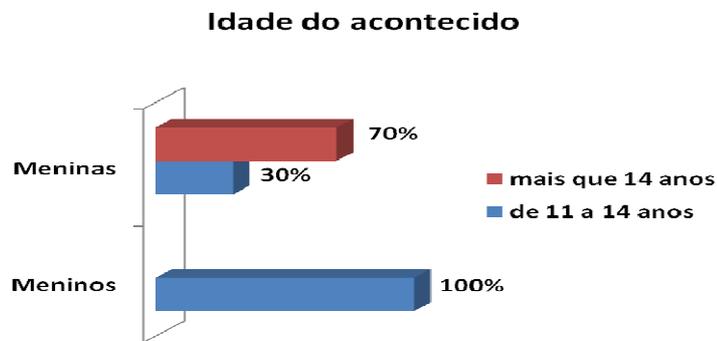


Gráfico 2 – Resposta da questão 2 do questionário.

Assim, podemos perceber que 70% das meninas quando sofreram violência tinham mais de 14 anos, em contrapartida os meninos em sua totalidade tem como idade base de 11 a 14 anos. Com estas informações podemos perceber que a prática da violência é recorrente, sendo ela contínua, pois em uma sociedade em que a prática social de que lidamos com as formas de violência já está naturalizada, torna-se muitas vezes quase imperceptível as ações de quem pratica e como é praticada.

Na questão da frequência da violência sofrida pelos jovens, podemos visualizar as respostas no gráfico 3:

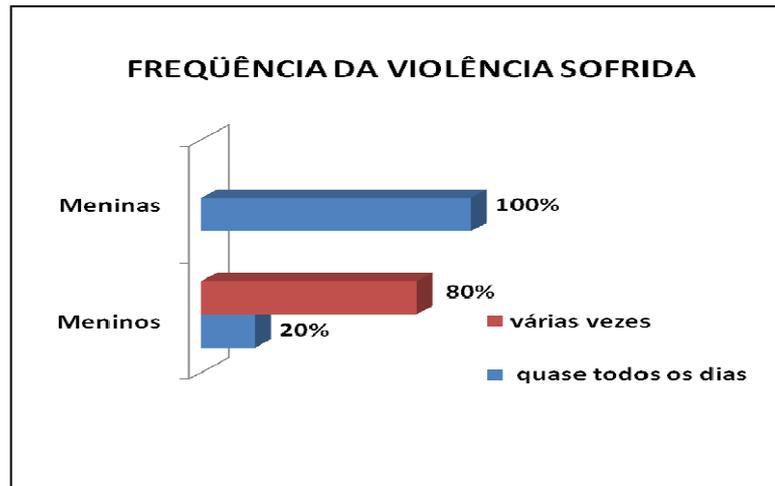


Gráfico 3 – Resposta da questão 3 do questionário.

Podemos notar, que as meninas sofrem violência quase todos os dias, em relação aos meninos 80% dizem que sofrem quase todos os dias. Podemos aferir que a questão da freqüência da violência sofrida pelos meninos esta relacionado com as questões das atividades práticas, brincadeiras e formas de se expressarem perante os outros indivíduos (colegas). Já as meninas, por não possuírem práticas mais agressivas de manifestação expressiva, acabam sofrendo menos, pois utilizam da violência simbólica para manifestar-se.

Na questão sobre qual o lugar que ocorre a violência, os resultados obtidos, apresentados no gráfico 4, apontam que os meninos no gráfico A sofrem violência quando estão no pátio na escola e na condução retornando para o lar, entretanto as meninas no gráfico B percebem que os locais onde estão sujeitos a violência seria no interior da sala de aula e no pátio da escola.



A

B

Gráfico 4 – Resposta da questão 5 do questionário.

Na questão sobre quem pratica a violência e o que pensam os meninos e meninas temos uma disparidade com relação aos dois sexos. Pois 80% dos meninos no gráfico A afirmam não afetar-se com as provocações e a violência e as meninas no gráfico B essa porcentagem cai para 60%, onde não pensam em nada, sendo que 20% delas acabam rejeitando os agressores e 20% tendo pena dos agressores com relação aos atos de violência.



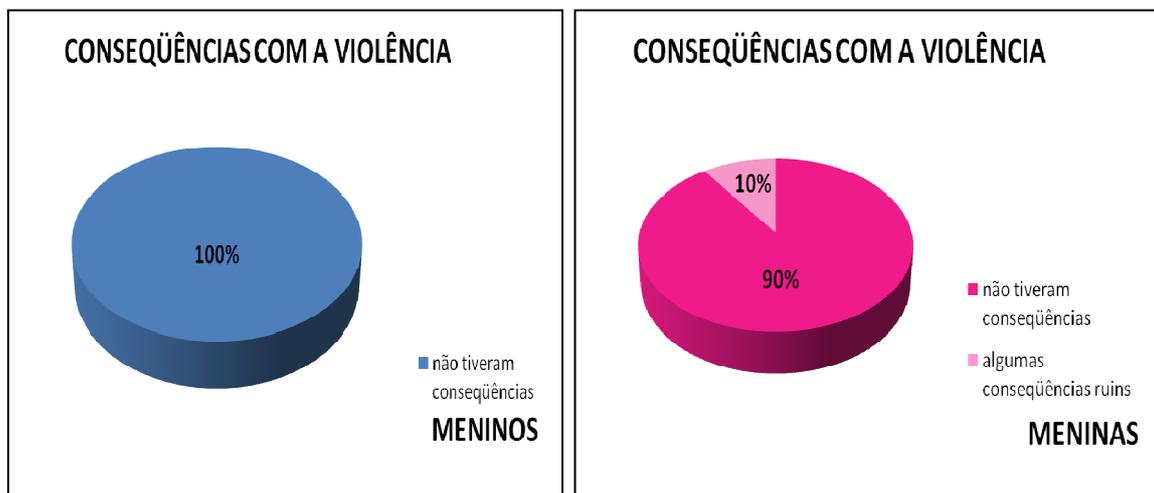
A

B

Figura 5 – Resposta da questão 8 do questionário. (Pesquisa de campo)

Esta violência sofrida pelas meninas, é simbólica, é de total manifestação pelas mulheres, pois estas não manifestam através da força física. As práticas de violência nem sempre estão associadas as expressões do corpo, como “brigas” e “arranhões”, mas sim, pelas ações verbais praticadas, ou seja, estes jovens omitem estarem sendo violentados pela única razão de exclusão do grupo que pertencem. Então absorvem determinadas formas de violência verbal para não serem estigmatizados pelos outros colegas, levando consigo esta carga emocional negativa. Estas fazem com que determinadas atividades praticadas por estes jovens sejam extintas do seu cotidiano e a prática por outras ações negativas a sua forma de pensar. Isso tudo pela única razão do pertencimento a grupo notório distinto.

Na questão sobre as consequências com a violência, os resultados obtidos, apresentados no gráfico 6, apontam que 100% dos meninos no gráfico, relatam a ausência de consequências, mas pode-se afirmar que as respostas muitas vezes eram veladas, já 90% das meninas no gráfico B afirmam o mesmo, sendo que 10% das meninas relatam problemas sofridos com a violência após os acontecidos.



A

B

Figura 6 – Resposta da questão 7 do questionário.

A grande maioria dos meninos por revidarem as ações de violência, acabam estravasando qualquer tipo de pensamento perante o outro indivíduo, deixando claro o sentimento de vazio por quem prática estes atos. Já um pouco mais da metade

das jovens entrevistadas transparecem o mesmo sentimento de pena por quem pratica, que deveria ser o oposto, o da indignação, ocasionando uma reação não prática ao que lhe é exposto. Mas demonstram também um estado de desconforto e desprezo causando indignações com a violência. Pois elas encheram que deveria haver algum tipo de punição para os praticantes destes atos.

Na questão sobre quem é o responsável pela culpa das violências sofridas, os resultados obtidos, apresentados no gráfico 7, apontam que 100% dos meninos do gráfico A remetem a culpa aos agressores, já as meninas no gráfico B afirmam que 60% da culpa é dos agressores e a escola, família e professores como resultante dos responsáveis pela falta de percepção sobre a violência sofrida pelas jovens.

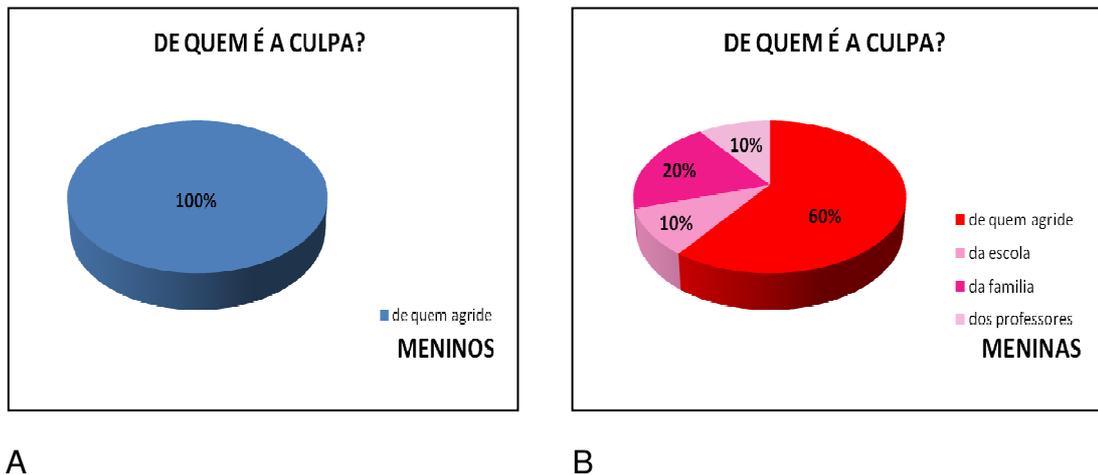


Figura 7 – Resposta da questão 9 do questionário.

A culpa traz a tona à questão do “EU” para os meninos, pois trata da identidade destes perante aos que praticam a violência e aqueles que estão à volta, desconsiderando todo um contexto de comportamento familiar, institucional e responsáveis. As meninas por não possuírem a prática da violência física conseguem detectar algumas falhas, sejam elas na família, escola, colegas e professores, deixando claro suas revoltas com o descaso praticado por estas classes.

Na questão sobre o sexo do agressor, os resultados obtidos, apresentados no gráfico 8, apontam que 100% dos meninos no gráfico A afirmam que os agressores

são do sexo masculino e 80% das meninas no gráfico B afirmam que os responsáveis pela agressão é dos meninos e 20% das agressoras do sexo feminino.

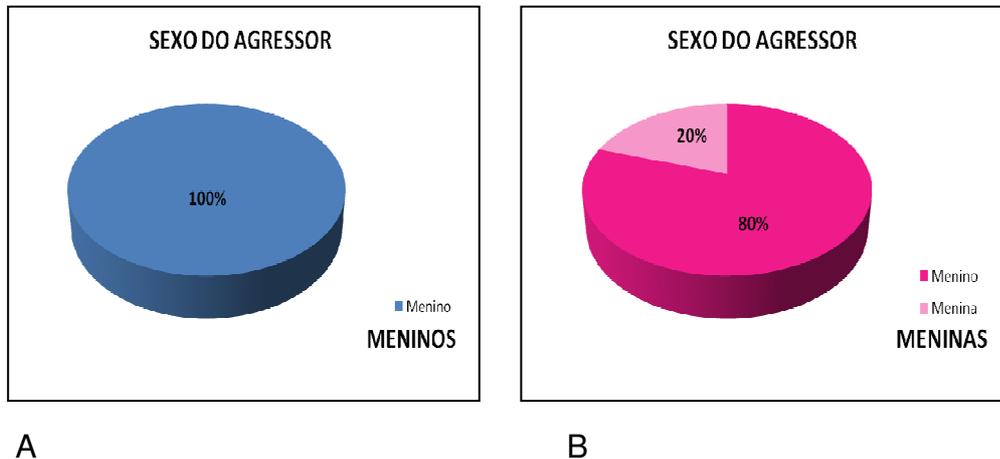


Figura 8 – Resposta da questão 10 do questionário.

Na questão sobre qual o tipo de agressão sofrida, os resultados obtidos, apresentados no gráfico 9, apontam que 100% dos meninos no gráfico A sofrem agressão verbal e posterior a agressão física. Já as meninas no gráfico B afirmam que 100% das agressões sofridas são a de violência simbólica.

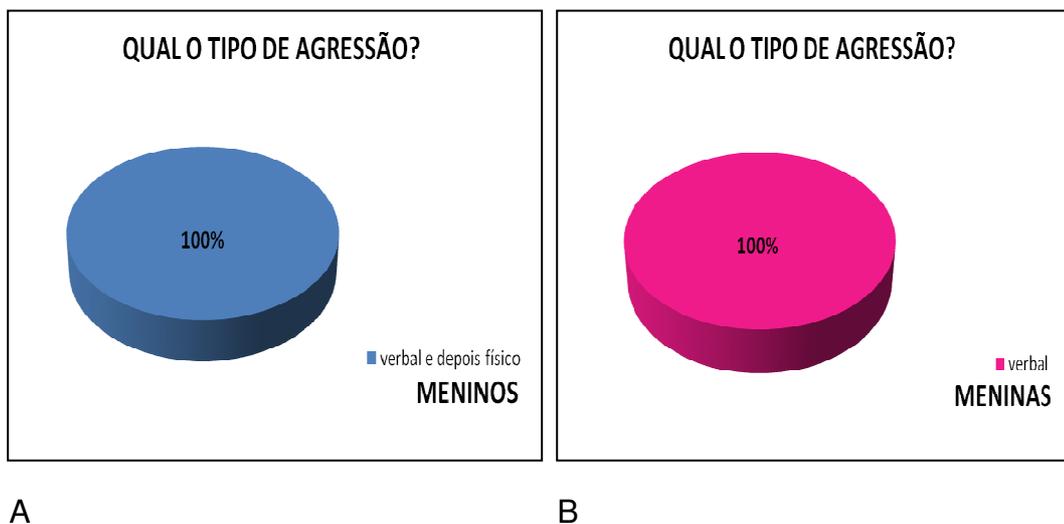


Figura 9 – Resposta da questão 11 do questionário.

Na questão sobre o agredido ter praticado algum tipo de agressão, os resultados obtidos, apresentados no gráfico 10, apontam que 100% dos meninos no gráfico A e 100% das meninas no gráfico B já praticaram de algum tipo de agressão como violência contra meninos e meninas.

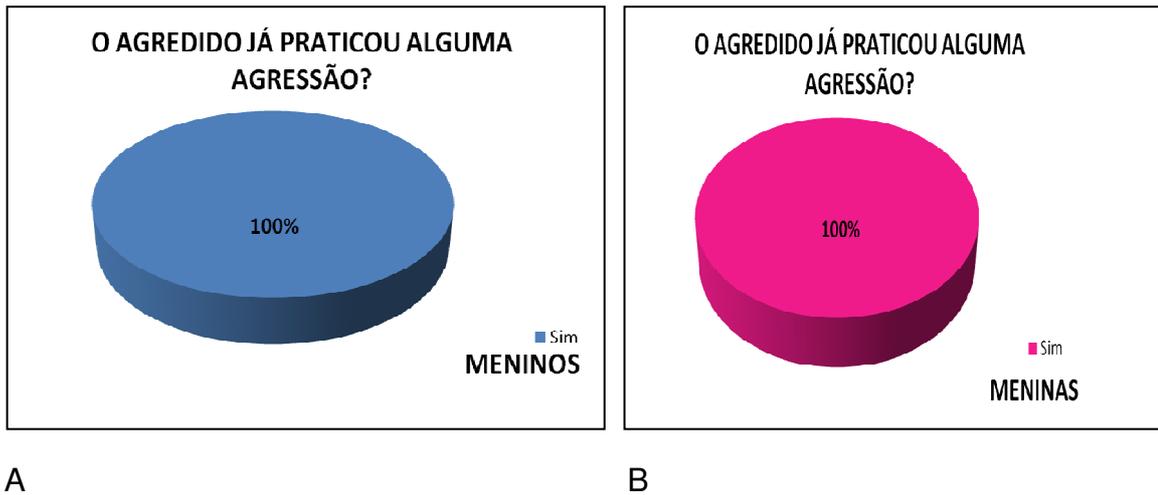


Figura 10 – Resposta da questão 12 do questionário.

Com este índice de um total de respostas as práticas da violência não podem deixar de ressaltar que violência gera violência, seja ela como for e por ser um fenômeno social, esta deveria sofrer intervenções de órgãos responsáveis para que pelo menos amenizasse estas ações. A comunicação entre todos os atores envolvidos teria um impacto positivo na forma de tratar a violência como um todo. Estas através do conhecimento poderiam expor suas idéias perante as situações, conciliando formas de pensar e de agir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu a partir das pesquisas elaboradas e do referencial teórico, analisar as manifestações da violência na juventude, buscando compreender o porque desta prática, assim como, formas de evitá-la. Neste contexto, constatou-se que a prática da violência é algo que ocorre com frequência entre os jovens do assentamento, entretanto, por ser um tema não nas escolas, entretanto, por ainda ser um assunto novo nas pesquisas, acabam gerando muitos transtornos emocionais para quem sofre desta violência.

É um problema que afeta mundialmente, e vem sendo cada vez mais sendo manifestado, acarretando mortes, depressões, introvertimento social e amor próprio.

Desse modo, percebeu-se que são características da violência sofrida, o ato de agredir física e/ou psicologicamente um indivíduo, utilizando xingamentos, humilhações, apelidos impróprios (gorducho, palito, baixinho, entre outros), nomes pejorativos, difamações, boatos etc.

Este fenômeno se manifesta entre os jovens em diversos lugares, tendo muitas pessoas envolvidas, tanto direta como indiretamente, sendo como vítimas, agressoras e/ou testemunhas.

Historicamente, a violência praticada pelos jovens sempre existiu, porém, só atualmente despertou interesse de profissionais da educação e saúde, visto os diversos incidentes ocorridos que são atribuídos a ela noticiados pela mídia, e os problemas gerados a partir deste.

No decorrer do trabalho compreendeu-se que a falta de estrutura familiar, um pobre relacionamento afetivo com seus pais, a falta de supervisão destes, são alguns dos elementos apontados pelos especialistas como desencadeadores das práticas de violência entre os jovens.

Além disso, a falta de conhecimento do problema, a ausência de supervisão por parte dos familiares e educadores, o torna socialmente ignorado e até aceitável, trazendo muitas vezes problemas psicológicos irreversíveis como a dificuldade de aprender, social, isolamento e até mesmo o suicídio.

Dessa forma, considera-se o problema da violência sofrida pelos jovens um grande problema social, que se deve ter um foco maior na criação de programas de

incentivo aos jovens e família dos assentamentos, visto que o problema maior é a auto-estima e a socialização futura.

Como este trabalho objetiva analisar a manifestação da violência entre os jovens do assentamento, este tema requer mais estudos a respeito.

Finalizando, estes programas de incentivo ao combate da violência na juventude podem ser tratados no período de entendimento por estes jovens, pois assim, fará com que não se repita este ato de violência no futuro profissional e nem em sua vida pessoal, tornando estes indivíduos respeitosos a imagem de seu semelhante com os padrões de seus direitos e deveres.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M; RUA, M, G. - **Violência nas escolas**. Ed. Unesco, doações institucionais.

BONETTI, L, W. **Educação, Exclusão e Cidadania**. – Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em> http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/Antigas/1956-53.htm> Acesso em> 20 de julho. de 2011.

COLOMBIER, C; M, G; PERDRIault, M . **A violência na escola**. São Paulo, Ed.Summus,1989.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREITAS, M, E. **Assédio Moral e Assédio sexual: Fases do poder perverso nas organizações**. Revista de Administração de Empresas/FGV/EAESP, São Paulo, 2001, Brasil.

GIL, A, C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas, 2010. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao_compilado.htm do dia 21/06/2011 as 19h05min.

MELUCCI, A. e FABBRINI, A, (1992). **L'età dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza**.

MICHAUD, Y. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MORAIS, R. **Violência e educação.** – Campinas, SP: Papyrus, 1995. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

NOGUEIRA, R. M. C. D. P. A.. **Escola e Violência: análise de Dissertações e Teses sobre o tema produzidas na área de Educação, no período de 1990 a 2000**, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2003.

ODALIA, N. **O que é violência.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

SILVA, A, M, M. **Educação e violência: qual o papel da escola?** www.dhnet.org.br/inedex.htm, 2002.

TOGNETTA, L, R, P. (2005). Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: Pontes, Aldo; De Lima, V. S.: **Construindo saberes em educação.** Porto Alegre: Editora Zouk. Disponível em> <http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullying%20e%20o%20olhar%20necess%C3%A1rio%20aos%20sentimentos.pdf> > Acesso em: 15 de jul. 2011.

ZALUAR, A. (org.). **Violência e educação.** São Paulo, Cortez editora, 1992.

ANEXO

QUESTIONÁRIOS DE PESQUISA

KIDSCAPE

- 1) Você já sofreu algum tipo de intimidação, agressão ou assédio?
- SIM NÃO
- 2) Que idade você tinha quando isso aconteceu?
- Menos de 5 anos De 11 a 14 anos
De 5 a 11 anos Mais de 14 anos
- 3) Quando foi a última vez que você sofreu algum tipo de intimidação, agressão ou assédio?
- Hoje Nos últimos 6 meses
Nos últimos 30 dias Há 1 ano ou mais
- 4) Quantas vezes você já sofreu intimidação, agressão ou assédio?
- Uma vez Quase todos os dias
Diversas vezes Várias vezes ao dia
- 5) Onde isso aconteceu?
- Indo ou vindo da escola Na sala de aula
No pátio da escola No refeitório da escola
Nos banheiros da escola Em outro local
- 6) Como você se sentiu quando isso aconteceu?
- Não me incomodou Fiquei com medo
Me senti assustado Me senti mal
Não queria mais ir para a escola
- 7) Quais foram as conseqüências da intimidação, agressão ou assédio sofrido por você?
- Não teve conseqüências Conseqüências terríveis
Algumas conseqüências ruins Fez você mudar de escola
- 8) O que você pensa sobre quem pratica intimidação, agressão ou assédio na escola?
- Não penso nada Não gosto deles
Tenho pena deles Gosto deles

9) Na sua opinião, de que é a culpa se a intimidação, agressão ou assédio continuam acontecendo?

De quem agride <input type="checkbox"/>	Da direção da escola <input type="checkbox"/>
Dos pais deles <input type="checkbox"/>	De quem é agredido <input type="checkbox"/>
Dos professores <input type="checkbox"/>	
Dos outros alunos que só assistem e não fazem nada <input type="checkbox"/>	

10) Por favor, marque se você é:

Menino <input type="checkbox"/>	Menina <input type="checkbox"/>
---------------------------------	---------------------------------

11) Quem intimidou, agrediu ou assediou você é?

Menino <input type="checkbox"/>	Menina <input type="checkbox"/>
---------------------------------	---------------------------------

12) Que tipo de intimidação, agressão ou assédio você sofreu?

Físico <input type="checkbox"/>	Sexual <input type="checkbox"/>
Verbal <input type="checkbox"/>	Racista <input type="checkbox"/>
Emocional <input type="checkbox"/>	

13) O que poderia ser feito para resolver esse problema?

14) Você já intimidou, agrediu ou assediou alguém?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
------------------------------	------------------------------

Nome da Escola

Endereço

Município - UF
